

As obras de Misericórdia

CORRIGIR OS QUE ERRAM!

O Santo Padre Bento XVI escolheu como lema da Quaresma de 2012 um pensamento da carta aos Hebreus: «Prestemos atenção uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras» (Heb 10, 24). E desenvolve este programa, insistindo na responsabilidade de cada um pela sorte, pela vida e pela morte, do outro, do meu irmão. Lembra-nos o dever de atenção às necessidades do próximo, mas logo amplia o âmbito desta atenção:

*“O facto de «prestar atenção» ao irmão inclui, igualmente, **a solicitude pelo seu bem espiritual**. E aqui desejo recordar um aspeto da vida cristã que me parece esquecido: a correção fraterna, tendo em vista a salvação eterna.*

*De forma geral, hoje é-se muito sensível ao tema do cuidado e do amor que visa o bem físico e material dos outros, mas quase não se fala da **responsabilidade espiritual pelos irmãos**.*

Na Igreja dos primeiros tempos não era assim, como não o é nas comunidades verdadeiramente maduras na fé, nas quais se tem a peito não só a saúde corporal do irmão, mas também a da sua alma tendo em vista o seu destino derradeiro.

Lemos na Sagrada Escritura: «Repreende o sábio e ele te amará. Dá conselhos ao sábio e ele tornar-se-á ainda mais sábio, ensina o justo e ele

aumentará o seu saber» (Prov 9, 8-9). O próprio Cristo manda repreender o irmão que cometeu um pecado (cf. Mt 18, 15). O verbo usado para exprimir a correção fraterna - elenchein - é o mesmo que indica a missão profética, própria dos cristãos, de denunciar uma geração que se faz condescendente com o mal (cf. Ef 5, 11).

A tradição da Igreja enumera entre as obras espirituais de misericórdia a de «corrigir os que erram». É importante recuperar esta dimensão do amor cristão”.

Por isso, resolvi escolher esta «obra de misericórdia», para nossa reflexão, neste domingo imediatamente anterior ao início da Quaresma.

EXAME DE CONSCIÊNCIA E CORRECÇÃO FRATERNA

Comecemos por dizer que a correcção do outro deve andar a par e passo com a autocorreção, pois a verdadeira correcção exige um trabalho sobre si, por parte de quem a exerce; exige mesmo um trabalho que o leve a aprender a conviver com o mal do outro e também com o seu próprio mal. Só quem aprendeu a discernir o mal que habita em si, pode assumir o mal do irmão e tratá-lo como médico experiente. Diz-nos o apóstolo Paulo: *«Se porventura um homem for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi essa pessoa com espírito de mansidão, e tu olha para ti próprio, não estejas também tu a ser tentado» (Gl 6, 1).*

No séc. I, da nossa era, Séneca exortava ao exame de consciência quotidiano, como meio de autocorreção:

“O nosso espírito deve ser diariamente chamado a prestar contas. Diariamente perscruto todo o meu dia e controlo todas as minhas palavras e acções, sem ocultar nada a mim próprio, sem deixar passar nada... «Tenta não fazer mais isto; desta vez perdoo-te. Naquela discussão foste demasiado polémico; censuraste aquela pessoa, com uma franqueza excessiva, portanto não a corrigiste, mas ofendeste-a; a partir de agora não vejas apenas se é verdade aquilo que dizes, mas também se a pessoa com quem falas está em condições de aceitar a verdade». O homem bom agradece uma admoestação, mas todos os maus mostram-se extremamente resistentes aos pedagogos” (Séneca, A ira, 36.1.3-4).

O modo de corrigirmos não pode ser aplicado indistintamente; é preciso conhecer a pessoa e a circunstância.

JEUS SALVA REPREENDENDO E REPREENDE SALVANDO

O próprio Jesus denuncia e corrige, com coragem e liberdade as hipocrisias religiosas, as violências e os abusos dos poderosos ou a lentidão de espírito dos discípulos. Jesus é herdeiro de uma tradição religiosa que vê o profeta como um “sentinela” que desperta no povo a consciência dos pecados. Para Jesus, a correcção faz parte da Sua obediência à vontade do Pai. As próprias palavras de Jesus salvam ao mesmo tempo que corrigem e censuram. Jesus salva repreendendo e repreende salvando, como se vê, por exemplo, na cena da tempestade acalmada: *“Homem de pouca fé, porque duvidaste”* (Mt.14,31).

A COMUNIDADE CRISTÃ, LUGAR DE CORRECÇÃO

A correcção fraterna recíproca é um dos modos pelos quais a Palavra de Cristo faz morada na comunidade cristã.

Em Igreja, a correcção fraterna deve ser um ato que une misericórdia e verdade, compaixão e franqueza, amor ao irmão e obediência ao evangelho, autoridade e doçura. Cada um deve assumir-se como “guarda do seu irmão” (Gen.4,9), que é membro de um Corpo a que eu e ele pertencemos igualmente. Só quando se entra em empatia com irmão e se reconhece que o pecado não é dele nem um problema só dele, mas é também meu, é que se pode corrigir, com amor.

Diz o Papa, na sua Mensagem quaresmal:

“Os discípulos do Senhor, unidos a Cristo através da Eucaristia, vivem numa comunhão que os liga uns aos outros como membros de um só corpo. Isto significa que o outro me pertence: a sua vida, a sua salvação têm a ver com a minha vida e a minha salvação. Tocamos aqui um elemento muito profundo da comunhão: a nossa existência está ligada com a dos outros, quer no bem quer no mal; tanto o pecado como as obras de amor possuem também uma dimensão social”.

A correcção fraterna implica sair do individualismo da perfeição individual, para me tornar responsável pela santidade do irmão. Assumo o seu pecado

como fosse meu. Diz-nos ainda com clareza meridiana o Papa, na sua Mensagem para a Quaresma de 2012:

Neste nosso mundo impregnado de individualismo, é necessário redescobrir a importância da correção fraterna, para caminharmos juntos para a santidade. É que «sete vezes cai o justo» (prov24, 16) - diz a Escritura -, e todos nós somos frágeis e imperfeitos (cf. 1 Jo 1, 8). Por isso, é um grande serviço ajudar, e deixar-se ajudar, a ler com verdade dentro de si mesmo, para melhorar a própria vida e seguir mais reta mente o caminho do Senhor. Há sempre necessidade de um olhar que ama e corrige, que conhece e reconhece, que discerne e perdoad (cf. Lc 22, 61), como fez, e faz, Deus com cada um de nós.

CORRECÇÃO FRATERNA, MISSÃO DE TODOS OS CRISTÃOS

A correção fraterna diz respeito não só ao Apóstolo, como a todo o cristão, lembra-nos São Paulo. Em Rom.15,14 diz: “No que vos toca, meus irmãos, estou pessoalmente convencido de que vós próprios estais cheios de boa vontade, repletos de toda a espécie de conhecimento e com capacidade para vos aconselhardes uns aos outros”. Na Carta aos Colossenses escreve: “A palavra de Cristo habite em vós com toda a sua riqueza: ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros com toda a sabedoria” (Col.3,16).

No fundo, o verdadeiro sujeito da correção é o Senhor: «*Ele é como o pai, que corrige*» (Sb.11.10) e «*corrige aquele que ama*» (Heb.12,6; Ap.3,19).

O amor verdadeiramente espiritual é, por isso, capaz de corrigir e admoestar o amado. Não podemos cair no risco de calar o mal por amor ao pecador,

tornando-nos cúmplices nesse mal. Diz o Papa na sua Mensagem para a Quaresma de 2012:

“Não devemos ficar calados diante do mal. Penso aqui na atitude daqueles cristãos que preferem, por respeito humano ou mera comodidade, adequar-se à mentalidade comum em vez de alertar os próprios irmãos contra modos de pensar e agir que contradizem a verdade e não seguem o caminho do bem” .

ALGUNS PONTOS PARA UMA VERDADEIRA ARTE DA CORRECÇÃO FRATERNA?

1) Corrigir, segundo o verbo grego “*nouthetein*” indica colocar a mente sobre outro, para o ajudar a descobrir os seus enganos e a evitá-los. Trata-se portanto de uma atenção amorosa, de uma vigilância sobre o outro, a fim de corrigir os seus eventuais erros. A palavra corrigir na sua origem latina significa e implica “dirigir juntos” e denota o caráter partilhado e relacional da correcção, em que um ajuda o outro a orientar a sua vida, na humanidade e santidade. Admoestar é «recordar», trazer de volta à realidade quem dela se afastou. Enquanto a correcção se dirige mais à inteligência, a admoestação dirige-se à vontade que o pecador conhece mas da qual se afasta. Diz o Papa, na sua Mensagem para a Quaresma de 2012:

“Entretanto a advertência cristã nunca há de ser animada por espírito de condenação ou censura; é sempre movida pelo amor e a misericórdia e brota duma verdadeira solicitude pelo bem do irmão. Diz o apóstolo Paulo: «Se porventura um homem for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi essa pessoa com espírito de mansidão, e tu olha para ti próprio, não estejas também tu a ser tentado» (Gl 6, 1)”.

2) O NT fala de corrigir os desobedientes (2 Tes.3,14) e de admoestar os indisciplinados (I Tes.5,14). O NT (Mt.18,15-17; cf. Tit.3,19) apresenta um verdadeiro processo disciplinar, segundo o qual se articula a correcção fraterna:

¹⁵«Se o teu irmão pecar, vai ter com ele e repreende-o a sós. Se te der ouvidos, terás ganho o teu irmão. ¹⁶Se não te der ouvidos, toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que toda a questão fique resolvida pela palavra de duas ou três testemunhas. ¹⁷Se ele se recusar a ouvi-las, comunica-o à Igreja; e, se ele se recusar a atender à própria Igreja, seja para ti como um pagão ou um cobrador de impostos.

Três etapas são aqui descritas: a sós; na presença de duas ou três testemunhas e frente à Igreja ou seja à assembleia local. O critério inspirador é o da misericórdia e da gradualidade e de grande respeito pelo pecador.

3) A correcção é necessária para não alimentar o rancor e pretende fazer o irmão regressar à relação de aliança: por isso deve ser reativado o movimento de escuta, estabelecendo um contexto de confiança.

4) A correcção deve dar-se não como juízo, mas como serviço de verdade e de amor ao próximo. Dirige-se ao pecado não como um inimigo, mas como a um irmão (2 Tes.3,15).

5) A correcção fraterna exige equilíbrio humano, muita fé, liberdade e coragem, bem como um grande sentido do evangelho. Deve ser exercida com firmeza (I Tes.1,13), sem aspereza (I Tim.5,1), sem cólera (Sal.6,2), sem

exasperar nem humilhar quem é corrigido (Ef.6,4), tendo em conta a idade, as forças e os limites das pessoas, distinguindo o pecado do pecador.

6) A correcção fraterna requer discernimento, quanto ao tempo e ao modo de o fazer, deve aumentar e não diminuir a estima que o outro tem de si próprio, evitar que seja única forma de relacionamento, exercida só em coisas essenciais, libertadora mais do que julgadora; não na posição de superior, mas de pecador, que também precisa de correcção. Toda a correcção no momento em que é recebida cai mal, mas depois produz um fruto de justiça (Heb.12,11).

7) O principal inimigo da correcção fraterna é o medo: medo de ganhar a inimizade da pessoa que deve ser corrigida, medo das suas reacções. Este medo disfarça-se de desculpa: “não me cabe a mim”, “quem sou eu para corrigir”; “talvez não tenha avaliado bem”. Também impede a correcção fraterna, aquele que vê um cisco no olho do outro e não vê uma trave no seu (Mt.7,4-5)!

Terminemos, uma vez mais, com as palavras sábias de Bento XVI:

“O grande mandamento do amor ao próximo exige e incita a consciência a sentir-se responsável por quem, como eu, é criatura e filho de Deus: o facto de sermos irmãos em humanidade e, em muitos casos, também na fé deve levar-nos a ver no outro um verdadeiro alter ego (um outro «eu»), infinitamente amado pelo Senhor. Se cultivarmos este olhar de fraternidade, brotarão naturalmente do nosso coração a solidariedade, a justiça, bem como a misericórdia e a compaixão”.

Deste modo, corrigir os que erram torna-se uma obra de misericórdia e não um ato de superioridade moral sobre o outro, meu irmão.

BENTO XVI, *Mensagem para a Quaresma de 2012*; LUCIANO MANICARDI, *A caridade dá que fazer*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2011, 169-177